

# GRAFISMO INDÍGENA NA BAHIA<sup>1</sup>

Anderson dos Santos Paiva<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Na vida diária dos índios são encontradas várias expressões de criatividade artística. As qualidades do que é artístico estão dispersas de tal maneira, que deveriam ser vistas como arte criações dos mais diversos tipos. Essas criações são muito mais belas e perfeitas do que seria preciso para cumprir simples funções de uso, sendo num certo sentido “decoradas em excesso”, o que só é explicado porque sua função é também serem belas.

O que marca a arte indígena, entre as demais artes, é esta forma generalizada de fazer tudo com uma elevada preocupação estética. O modo artístico mostra uma fixidez, ao longo do tempo, pois o saber técnico só deve repassar as experiências do passado conservando a tradição. Assim, toda tribo tem, além do seu próprio modo artístico, o seu repertório formal.

Toda a comunidade indígena participa da “alegria da criatividade e do gozo da apreciação estética” (RIBEIRO, 1987, p. 31). A arte indígena flui de uma cultura homogênea, harmonizada com todos seus aspectos como um longo esforço de integração recíproca.

Sendo as sociedades indígenas não divididas em classes, conseqüentemente, suas criações culturais, incluindo as artes, não foram feitas para servir e honrar a dominação classista, tendo uma ingenuidade e generalidade que as nossas perderam. Assim, são abundantes as criações que podem ser definidas como artísticas, o que é resultado de uma postura estética em qualquer atividade produtiva.

Estas considerações sobre a arte índia em geral são importantes para a compreensão do grafismo indígena na Bahia, tema do presente estudo. Os índios da Bahia, apesar da perda de sua cultura ao longo do processo colonizador e da constante imposição da cultura branca, mantêm viva a tradição e a memória de seu povo. Preocupam-se em integrar sua cultura e arte às exigências atuais, inclusive com a inserção no mercado, mas sem perder suas raízes. Ao nos defrontarmos com estas nações, deparamo-nos com povos que tentam sobreviver e fazerem-se ouvidos apesar de tudo.

Hoje na Bahia, as comunidades indígenas remanescentes do processo colonizador de aculturação e destruição de seus valores lutam para preservar os aspectos de sua cultura e memória, ainda que de forma fragmentária e sem a mesma força expressiva original. O grafismo, como parte fundamental das culturas indígenas, constitui uma forma de expressão da própria identidade da tribo.

Entre tais grafismos nota-se, especificamente, a preocupação de não só manter uma tradição de motivos gráficos, como de integrar sua cultura às exigências da contemporaneidade, conservando seus costumes e particularidades. Existe uma série de grafismos comuns nestas tribos baianas, seja nas cerâmicas, na pintura corporal, nos trançados ou mesmo nas armas e objetos de uso cotidiano ou ritual.

Quando nos referimos aos grafismos indígenas, é preciso lembrar que muito do seu significado original e, mesmo, algumas formas e técnicas perderam-se com o tempo e com a morte dos mais velhos

---

<sup>1</sup> Este projeto é integrante do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC 2003/2004, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB), com apoio institucional da PRPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Professor Doutor Luiz Alberto Freire da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta pesquisa contará também com o apoio da União Nacional dos Indídescendentes (UNID), da Escola de Belas Artes através do ACC EBA 455 – Arte Indígena na Bahia, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e do Centro de Estudo das Populações Afro-Indo Americanas (CEPAIA/UNEB).

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Bacharelado em Artes Plásticas da Universidade Federal da Bahia – UFBA e bolsista de iniciação científica da FAPESB. [andp80@ibest.com.br](mailto:andp80@ibest.com.br).

– que guardavam o conhecimento relativo a esses temas. Tratamos de comunidades que, apesar de valorizarem suas tradições como povo, já não demonstram a riqueza ornamental e a variedade de motivos gráficos que possuíam antes da interferência maciça da nossa civilização. Por força da aculturação a que a maior parte das sociedades indígenas foi submetida, infelizmente muito do simbolismo foi esquecido.

## **OBJETO DE ESTUDO – GRAFISMO INDÍGENA**

Mesmo havendo na Bahia uma diversidade étnica tão facilmente percebida na constituição física do seu povo, ainda não há um entendimento claro de grande parte da população sobre a contribuição indígena à nossa cultura, tendendo-se a vê-la apenas por uma ótica de preceitos e estereótipos que não leva em conta as particularidades implícitas nas manifestações artísticas de cada um destes grupos.

Com base nisto, elaboramos este projeto com apoio da bolsa PIBIC 2003/2004, visando ao desenvolvimento de uma pesquisa sobre o grafismo indígena na cultura material das tribos Kiriri (Banzaê), Tupinambá (Oliveira) e Pataxó Hã Hã Hãe (Caramuru-Paraguassu), contextualizando-as entre si, e buscando processos interétnicos identitários e a preservação dos traços tradicionais – por meio de pesquisas em textos históricos, principalmente, dos séculos XVI e XVII; dos viajantes naturalistas entre os séculos XVIII e XIX e da observação direta da produção atual nestas sociedades. Com tais instrumentos, busca-se a distinção entre o símbolo e ornamento nos grafismos de cerâmicas, nos trançados, na pintura corporal, nas armas e nos objetos.

A escolha dessas tribos, como objeto de estudo dos grafismos indígenas na Bahia, teve como foco não só a importância histórica das mesmas, mas também a necessidade de se prestar apoio cultural às identidades emergentes no Estado da Bahia, registrando suas manifestações artísticas para a preservação da sua memória como patrimônio vivo, enfatizando-se a questão da (re) significação dos elementos tradicionais das comunidades pesquisadas e da liberdade criativa dos artesãos frente aos modelos tribais.

Durante algumas pesquisas feitas em campo junto a estas comunidades, percebemos a necessidade de haver uma documentação sobre os elementos que compõem o grafismo indígena na Bahia, como fonte de estudo do desenvolvimento estético, e das trocas simbólicas interculturais desses povos. Ficou dessa forma evidente o potencial de desenvolvimento técnico e perceptivo de cada artesão – que interpreta e ressignifica as matrizes da memória cultural local de forma a dar-lhes outras conotações, não de valores comunais, mas de inspirações e gostos particulares, nos quais encontram liberdade para suas interpretações e criações artísticas, saindo do anonimato causado pela generalização do grupo.

Os registros desses artesãos e de seus grafismos passam a demonstrar a sua contemporaneidade frente à arte ocidental, explicitando os processos de transformações na arte tribal que vão desde os padrões rígidos de criação até a flexibilização de (re) elaboração desses elementos com novos significados.

Um dos fatores que traduz a importância deste projeto é o de não se encontrarem publicações disponíveis que sejam tão específicas sobre esse assunto, havendo algumas outras, porém, insuficientes para atender à necessidade desse tipo de leitura – imprescindível para os pesquisadores envolvidos com a questão da arte índia na Bahia. Essas comunidades indígenas, por oferecer-lhes um registro da memória cultural, poderão colaborar na preservação dessas identidades étnicas, buscando o seu reconhecimento na história oficial da arte, onde muitas vezes são vistas apenas como “figurantes” e não como formuladores desse processo.

O projeto tem ainda o intuito de examinar os processos de mudanças ocorridos na arte tribal, levando os artesãos a abandonarem os elementos mais tradicionais para a adaptação ao “gosto” da

clientela não-índia. Este projeto, portanto, se faz de grande importância não somente para a sociedade brasileira, mas também para as comunidades indígenas – pelo estudo das problemáticas atuais e registro de sua memória cultural, contribuindo para preservação dessas identidades étnicas.

## **OBJETIVO GERAL**

Produzir um conhecimento sobre os grafismos e iconografias que registrem a memória cultural das tribos Kiriri, Tupinambá e Pataxó Hã Hã Hãe, contribuindo, assim, para a compreensão do desenvolvimento estético indígena e possibilitando a divulgação da singularidade dos índios da Bahia no que se refere às artes e aspectos culturais desconhecidos por grande parte da sociedade, favorecendo também, subsídios para que estes povos indígenas conservem os elementos da tradição oral e da memória visual às futuras gerações, que hoje se desenvolvem em meio a uma globalização que impõe uma cultura externa formatada, ameaçando estas minorias étnicas.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Catalogar os grafismos indígenas da amostra, vinculando as formas a seus conteúdos, símbolos e influências intertribais;
- b) identificar, ler e fichar as fontes primárias sobre a iconografia indígena e seu desenvolvimento ao longo da história do contato europeu;
- c) identificar os aspectos singulares no grafismo de cada tribo, singularizando os artistas e a identidade tribal;
- d) comparar os grafismos indígenas pesquisados com as correntes abstracionistas da arte ocidental, de forma a promover o reconhecimento da contribuição indígena à cultura ocidental;
- e) preparar um catálogo dos grafismos indígenas na Bahia e uma redação final, distribuindo cópias às comunidades parceiras;
- f) organizar, junto com as lideranças indígenas, exposições nas comunidades com o material registrado e a história de vida dos artesãos;
- g) promover a aplicação dos conteúdos pesquisados nas escolas indígenas, contribuindo para o processo pedagógico diferenciado.

## **METODOLOGIA**

Neste projeto, serão realizadas pesquisas de campo com gravações de entrevistas, catalogações e registros fotográficos dos grafismos, materiais e métodos de produções de cada um dos artesãos analisando suas características particulares e tendo, também, uma visão e interação com os aspectos políticos, religiosos e culturais das tribos indígenas. Os trabalhos trilharão caminhos desde a elaboração e execução das atividades até a contextualização dos resultados, pesquisas bibliográficas e iconográficas, e a preparação dos catálogos dos grafismos indígenas na Bahia que, posteriormente,

serão compartilhadas cópias às nações pesquisadas para a preservação de sua história e memória que tão amplamente foram subjugadas ao longo de séculos de exploração.

A bibliografia utilizada será de textos sobre memória, história e oralidade das tribos brasileiras. Cartas, relatos e pesquisas documentais de viajantes estrangeiros à Bahia dos séculos XVI a XIX, e a observação de campo através da etnopesquisa. As vertentes principais para aplicação do projeto serão a Antropologia da Arte ou Etnoestética, examinando os grafismos pelas óticas do difusionismo (contatos intertribais) e da reelaboração plástica (contatos interétnicos).

Autores como Darcy e Berta Ribeiro, bem como Lux Vidal, poderão fornecer informações precisas sobre a linguagem visual indígena e relatos de Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e Jean de Lery, sobre a visão do índio nos primeiros séculos. O confronto com a sociedade nacional e a história do contato europeu através dos escritos dos missionários cristãos como Mamiani (Séc. XVII) e Bernardo de Nantes (Séc. XVIII).

Em Salvador, as pesquisas serão feitas, principalmente, na Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), no Programa de Estudo dos Povos Indígenas da Bahia (PINEB), no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA) e na Casa do Índio. Outros pesquisadores poderão colaborar como a Prof<sup>a</sup>. Elizabete Actis (UFBA), Prof. Augusto Oliveira (UESC), Ricardo Pamfílio (Etnomusicólogo) e Ana Claudia (Antropóloga).

Para o trabalho em campo serão utilizados câmera digital, gravadores e mini-disk no registro das entrevistas e dos motivos gráficos ornamentais dos objetos, para posterior disponibilização nos sites do projeto Arte Indígena na Bahia (UFBA) e do Instituto Mucunã (Organização Não-Governamental).

## **RESULTADOS/ PRODUTOS ESPERADOS**

O presente projeto encontra-se em pleno desenvolvimento, sendo realizadas pesquisas de campo junto às sociedades indígenas com o registro dos artesãos, dos grafismos e da produção artesanal. As transcrições das entrevistas têm apontado novas descobertas sobre a tradição desses povos, que por meio das catalogações e registro iconográfico – que estamos efetivando – poderão ser preservadas.

A adoção dos conteúdos pesquisados pelos professores indígenas na prática pedagógica poderá contribuir em muito para preservação da identidade cultural. Na comunidade Kiriri, já estamos nos mobilizando com a Secretária de Educação de Banzaê para a inserção da pesquisa dos grafismos na sala de aula como parte dos Temas Transversais da educação indígena diferenciada. A tribo Tupinambá tem demonstrado o mesmo interesse, e os professores tornaram-se colaboradores do projeto acompanhando entrevistas e reproduzindo os grafismos nas aulas de arte.

A principal contribuição ao projeto tem sido dos artesãos mais velhos, que nos informam sobre práticas técnicas não mais utilizadas, mas que ainda podem ser resgatadas. Eles têm um especial interesse no ensino da arte da ornamentação às crianças, pois este processo, quando aplicado anteriormente, permitia a conservação da tradição por meio de mecanismos mnemônicos que possibilitaram a existência de alguns grafismos até os dias atuais, uma vez que essas pinturas puramente decorativas, como cita Maria de Lourdes Bandeira (1972, p.60), eram consideradas sem qualquer utilidade, sendo os arcos confeccionados devido a recomendações externas (idem, ibidem).

Relembrar os desenhos e aplicá-los em novos objetos é para eles uma forma de valorização da sua indianidade, expressando um bem-estar pelo reconhecimento do trabalho não como uma peça artesanal, mas por seu conteúdo étnico, como um sinal diacrítico de identificação tribal.

A busca dessa marca tribal como um resgate da história é comum a essas tribos, pois fortalece o espírito coletivo, envolvendo toda comunidade. A carga pejorativa e depreciativa que, por vezes, é conferida ao termo artesão, acaba por desaparecer, tornando a prática do desenho dos grafismos e da produção artesanal criações artísticas totalmente integradas ao estilo de vida e concepção da realidade indígena.

Com base nisto, espera-se, com este projeto, a promoção do entendimento intercultural que valorize as expressões artísticas desses grupos étnicos muitas vezes esquecidos pela sociedade nacional e com os quais temos uma dívida histórica. O reconhecimento da contribuição desses povos para a Arte Baiana e a publicação de um material engrandecerão em muito a cultura viva da nação brasileira, fruto de tantas raças.

## **REFERÊNCIAS**

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Os Kiriri de Mirandela**: estudo sobre um grupo indígena diferenciado. Salvador: Centro de Estudos Baianos-UFBA. 1987.

RIBEIRO, Darcy et alii. Arte índia. In: **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1987. v.2. 415p.